

## HISTÓRIA LOCAL E O ENSINO DE HISTÓRIA: EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA DO DISTRITO DE CACIMBAS, CARIRÉ -CE.

Denilson José Damasceno<sup>1</sup>  
Francisco Antonio do Carmo de Abreu<sup>2</sup>  
Prof<sup>o</sup> Dr. Carlos Augusto Pereira dos Santos<sup>3</sup>

### RESUMO

Neste trabalho pretendemos abordar como o ensino de história e história local podem ser aliados no processo de ensino-aprendizagem. Buscaremos demonstrar como a historiografia local que vem se tornando um campo crescente dos estudos históricos, pode ser um meio de aproximação entre a história e os alunos. Constatamos essa importância durante uma experiência de intervenção em sala de aula na escola do distrito de Cacimbas, Cariré-CE, onde de fato tivemos contato com este método de buscar abordar assuntos históricos pelo viés da história local, a fim de tornar aula mais lúdica e dinâmica. Desta forma percebemos que o ensino de história através da história local atrai de forma perceptível atenção dos alunos, fazendo assim com que haja um bom rendimento da aula. Sendo assim o presente artigo visa demonstrar como a história local pode ser um método a ser adicionado no currículo escolar voltado para o ensino de História.

**Palavras-chave:** Ensino de História; História Local; Método; Aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma experiência de intervenção na escola do distrito de Cacimbas da cidade de Cariré, Ceará, atividade de avaliação da disciplina de História do Brasil II, ministrada pelo Professor Doutor Carlos Augusto Pereira dos Santos no Curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

A atividade avaliativa solicitada pelo professor consistia em aplicar uma intervenção em alguma escola de ensino fundamental ou médio, com um tema de escolha da própria equipe, mas que fizesse referência algum aspecto da História do Brasil Império, enfatizando que seria importante abordar algum tipo de assunto que fizesse parte do cotidiano dos alunos, para que dessa forma pudesse mostrar que a História não é somente aquela posta nos livros didáticos.

Desta forma, a intervenção se deu sobre a fundação da localidade de Cacimbas, um dos cinco distritos do município de Cariré, município que se localiza a 35 km da sede e se encontra

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA E-mail: [damascendodenilson92@gmail.com](mailto:damascendodenilson92@gmail.com) ;

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. E-mail: [fco.abreu13@gmail.com](mailto:fco.abreu13@gmail.com);

<sup>3</sup> Professor orientador: Professor do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA., E-mail: [augustus474@hotmail.com](mailto:augustus474@hotmail.com);

na região noroeste do estado do Ceará. O território de Cacimbas é cortado pela CE-277, estrada que liga as cidades de Mucambo, Pacujá e Graça e pelo acesso a BR-222, rota que possibilita a ligação com a cidade de Sobral e que no passado foi utilizada pelos comboios de gado e também como rota de comércio entre as cidades de Camocim, Sobral e algumas cidades do estado do Piauí.

A história do fundador de Cacimbas tem através da oralidade do mais velhos, ligação direta com a história da Guerra do Paraguai ocorrida entre os anos de 1864 à 1870. O assunto despertou claramente a curiosidade dos alunos e consequentemente a nós graduandos, pela importância que a história local tem para o ensino de História, reflexão esta que será tratada neste trabalho. Nas palavras de Manoel Caetano e Isabel Cristina (2016) a história local tem se tornado cada vez uma área importante a ser trabalhada em sala de aula “por viabilizar o entendimento do entorno do discente e por articular o passado e o presente nos vários espaços onde esse indivíduo frequenta, como por exemplo, escola, casa, cidade, trabalho e etc., e por situá-lo nas problemáticas do momento” (p.7).

Algo que se faz importante na medida que vemos a crescente onda de desvalorização das ciências humanas, por parte do governo como também por uma parcela da sociedade. Uma das possíveis causas dessa desvalorização por parte dos alunos deve parte do pressuposto de que a maioria dos assuntos que são abordados pelo livro didático são de certos fatos nacionais ou da história globalizante, o que de certa forma se torna monótono e cansativo. Assim o uso da história local para o desenvolvimento da aula se faz importante da medida que insere estes alunos diretamente dentro dos assuntos, porem se faz necessário, como coloca José Olivenor e Maria Inês (2015), articular estas abordagens locais com as outras abordagens históricas “Portanto, ao se trabalhar os conteúdos de uma história temática, faz-se indispensável o estabelecimento, de forma contínua, sistemática e sempre criativa, da articulação entre os conteúdos da História local, da nacional e da universal.” (p.145).

Sendo assim, neste artigo buscaremos abordar como a história local pode ser uma área interessante para o ensino de História tanto no fundamental como em nível médio, demonstrando que a História está para além dos acontecimentos globais e que todo sujeito é parte ativa da mesma, contribuindo desta maneira para uma construção de identidade e de pertencimento histórico.

## METODOLOGIA

Para realização deste trabalho foi utilizado o método qualitativo, que como coloca Minayo (2013) “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. (p. 21). Sendo assim observou-se através da intervenção em sala de aula como a história local pode ser um método didático de aproximar os alunos dos assuntos tratados nos livros e também buscou-se perceber como foi a recepção desse método pelos alunos.

Para execução da intervenção, que ocorreu em 50 minutos de aula na turma de 8º ano do Ensino Fundamental II na E.E.I.E.F Inácia Rodrigues Moreira, aconteceu de forma expositiva, sendo utilizados recursos tecnológicos da escola, como um *datashow* e notebook. Desse modo, foram utilizados slides com imagens tanto da história nacional como também dos espaços da localidade, buscando fazer uma correlação entre as duas, afim de possibilitar uma boa compreensão por parte do alunado.

Para se efetuar essa empreitada primeiro se teve que fazer uma pesquisa de campo para que através da oralidade das pessoas mais velhas que moram ali, pudéssemos fazer um levantamento dos acontecimentos e de que forma estas memórias ainda estão presente no cotidiano das mesmas, que ali vivem há bastante tempo. Foi utilizado também fontes iconográficas, um quadro pintado por um autor desconhecido que retrata o fundador de Cacimbas, Joaquim Vieira da Silva em suas vestes de soldados, e foi utilizado uma fonte escrita, um cordel escrito por José Tomaz de Lima intitulado “Meu avô: foi a guerra”; deste cordel não podemos utilizar o original, pois havia se perdido, mas tivemos acesso a uma cópia xerocopiada do mesmo.

Buscou-se perceber não somente a história em torno do que é tido como fundador da localidade, mas também dos feitos históricos e sociais, da forma com que a localidade foi se desenvolvendo. Nas palavras de José Olivenor e Maria Inês, este método se faz importante, na medida que não colocamos as narrativas como verdades absolutas, mas como fontes que sofrem interferência com todos as outras, de seu tempo e espaço:

Sendo assim, não tivemos por interesse eleger nenhum relato de memória como sendo, ele próprio, o registro da história, o testemunho verdadeiro para tudo o que foi narrado, pois, no processo de produção dos relatos de memória, estas, quase sempre emergem carregadas das mais distintas versões, que fazem variar, de narrador para narrador, uma pluralidade de fatos marcados, muitas vezes, pela imaginação consumida, e consumidora, de sonhos e desejos, fantasias e lendas. (CHAVES; STAMATTO; 2015, p.140).

Como já enfatizado neste trabalho procurou-se fazer uma abordagem entre ligação da história nacional, Guerra do Paraguai, história local e fundador da localidade. Demonstrando assim que muitas vezes não se tem noção de como a história do nosso local tem uma correlação com uma história digamos “maior”. Outro aspecto que se pode enfatizar foi levantado durante a intervenção, o fato de que muitos dos alunos não sabiam de que forma aquele distrito foi construído e suas transformações sociais ao longo dos anos. Segundo Jose Olivenor e Maria Inês:

Para isto, se faz necessário, em primeiro lugar, inferirmos se a História Local é tomada como objeto de reflexão e ensino pelos professores, para, em seguida, refletir sobre as possibilidades de se romper com um modelo de ensino globalizante e, por conseguinte, negador das particularidades e das especificidades do local. (CHAVES; STAMATTO; 2015, p.143).

Sendo assim se procurou ter toda uma preparação de conteúdo, para de certa forma, romper com esse ponto de ensino histórico globalizante, claro que atendendo aos conteúdos proposto pelo livro didático e cobrado pelo sistema escolar, mas buscando demonstrar que os fatos da história nacional podem ser abordados por outro olhar e por outra vertente do que aquela colocada do livro, se pode buscar aproximar o aluno do conteúdo fazendo assim com que este perceba que a história não é algo estático e distante.

## **DESENVOLVIMENTO**

Nas últimas décadas do século XX tanto a historiografia como o Ensino de História passam por um processo de transformação. Novos sujeitos foram incorporados aos estudos históricos, sendo assim novas histórias foram surgindo e começaram a ser implantadas no ensino; as novas ondas tecnológicas também influenciaram nesse processo transformativo do ensino escolar, como coloca Elizabeht Weber:

O intenso processo de globalização que define uma nova ordem mundial, a revolução tecnológica que atinge todos os segmentos da sociedade e a crise de paradigmas são transformações que ocorreram na segunda metade do século XX e que exigiram da escola uma maior reflexão sobre suas antigas e tradicionais práticas. (MEDEIROS; 2005, p.60).

Deste modo podemos pensar em um ensino de História mais abrangente e renovado. Para além dos avanços tecnológicos já citados outro importante fator que contribuiu pra que houvesse esta mudanças no ensino, como já citado, foi o fato de que com a terceira geração da

Escola dos *Annales*<sup>4</sup> outros sujeitos foram adentrando e sendo visto como sujeitos ativos dentro dos estudos históricos, a História passou assim é ser constituída não somente pelos tidos “grandes” e “importantes” personagens históricos, mas também pelos sujeitos renegados e colocados à margem do processo histórico. “A ampliação de campos históricos e de temáticas possíveis aos historiadores já não tem limites nesses novos tempos” (BARROS; 2013, p. 144).

Nessa ampliação dos campos historiográficos, estudos voltados para a História Local começaram a obter muitos adeptos, como coloca Manoel Junior e Isabel Guillen:

Atualmente é perceptível que há um alargamento de interesse dos Historiadores pela questão local, especialmente nessas duas primeiras décadas do século XXI, pois ampliaram-se bastante apresentações de trabalhos acadêmicos e outras abordagens entorno dessa temática. (JUNIOR; GUILLEN; 2016, p.3).

Desse modo podemos colocar que esses crescimentos em estudos voltados para as localidades contribuem para a valorização do espaço, porém, até certo modo, porque na medida em que existem os estudos nos meios acadêmicos, estes não estão acessíveis aos moradores destas localidades; estes conhecimentos permanecem restritos somente a alguns indivíduos. Conduto, já é um grande avanço, pois permite pensar a História não somente na questão dos métodos da macro abordagens, mas construir a História daquele espaço esquecido pela historiografia globalizante.

A respeito dos estudos historiográficos voltados para a História Local, José Olivenor e Maria Inês colocam:

Ante toda sua complexidade, o regional e o local não podem apenas ser tomados como complementares ou reafirmação da história nacional, nem muito menos como sendo, um ou outro dos modelos, mais verdadeiro. Se a perspectiva do local representa, por um lado, um avanço em relação às tendências ditas tradicionais, por outro, essa perspectiva de abordagem ainda carece de reflexões mais densas, no campo da historiografia, acerca do que concebemos como história local e dos sentidos que a ela atribuímos. (CHAVES; STAMATTO; 2015, p. 133).

Assim, podemos perceber que existem como em todo campo de estudo, complexidades para que o mesmo seja realizado. Como colocam os autores, a História Local não pode ser colocada como reafirmação dos fatos da história nacional e globalizante, do mesmo modo cabe reflexões mais condensadas do que seria essa história local, principalmente concebendo a este espaço como acontecimentos históricos.

---

<sup>4</sup> Corrente historiográfica fundada por Marc Bloch e Lucie Febve no ano de 1930, na França. Método que se destacou pela a interdisciplinaridade com outras áreas.

Com essa mudança nas correntes historiográficas, conseqüentemente houve mudanças na forma de ensino de História, na medida que novos sujeitos e fontes foram sendo utilizados para compreender a complexidade dos acontecimentos históricos, novas metodologias foram adotadas em sala de aula para explicar esses acontecimentos. Os meios tecnológicos também contribuíram para a implementação desses novos métodos.

A utilização de documentos escritos, fontes imagéticas, histórias em quadrinhos, música, entre outros, tem sido um novo desafio metodológico. As metodologias de ensino na escola de hoje exigem do professor uma postura reflexiva e constante atualização. O uso de diferentes linguagens, parte do mundo em que o aluno está inserido, auxilia na difusão e compreensão do conhecimento histórico escolar. A incorporação dessas linguagens evidencia também a aproximação que deve existir entre o conhecimento histórico e a realidade em que o aluno vive, trazendo para a sala de aula um novo conceito de ensino e aprendizagem. (MEDEIROS; 2005, p.60).

Dessa maneira, com o intuito de aproximar a História da realidade do aluno, pode se utilizar de história local como método didático, trazendo assim uma aproximação entre os alunos e os conteúdos históricos, mesmo àqueles postos nos livros didáticos. Os meios tecnológicos para que haja essa discussão sobre história local se faz indispensável na medida em que contribuem para melhor compreensão por parte do aluno, levando imagens, textos, vídeos, articulando sempre as histórias, “O uso de diferentes fontes e linguagens no ensino de História tem contribuído não só para ampliar o campo de estudo da disciplina, como também estabelecer um novo conceito de ensino-aprendizagem, tornando o processo mais dinâmico, significativo e prazeroso.” (MEDEIROS; 2005, p.60-61).

No que se refere ao fato da prática de se utilizar de história local para o ensino de história os autores José Olivenor e Maria Inês colocam algumas das possíveis dificuldades e cuidados que se devemos estar atentos, para que assim não cairmos em certos problemas e possamos desenvolver de forma proveitosa esse método.

Para isto, se faz necessário, em primeiro lugar, inferirmos se a História local é tomada como objeto de reflexão e ensino pelos professores, para, em seguida, refletir sobre as possibilidades de se romper com um modelo de ensino globalizante e, por conseguinte, negador das particularidades e das especificidades do local. (CHAVES; STAMATTO; 2015, p. 143).

Entendendo que a história local, antes de ser utilizada como método de ensino tem que ser colocada a reflexão pelos professores que irão utilizar desta. Por isso antes de aplicarmos a intervenção em sala de aula houve toda uma preparação em torno da reflexão sobre a historiografia do distrito de Cacimbas, analisando desde a oralidade, iconografia e também um cordel que relatava sobre o assunto que abordamos. Desse modo cabe uma reflexão para que soubéssemos como utilizar dessa História Local para romper, como citado pelos autores, com

esse ensino globalizante e de certa forma aproximar os alunos da História, levando-os a refletir sobre como a história se constitui por vários meios. Entretanto, os mesmos autores, José Olivenor e Maria Inês, colocam que consequentemente sem essas reflexões pode ser que caiamos em certas armadilhas:

Sendo assim, ao propormos o uso da história local no ensino de História, o professor precisa refletir sobre dois importantes pontos: 1) a necessidade de observar que uma realidade local não contém, em si mesma, a chave de sua explicação; 2) deve fazê-lo inferir que, ao tratar o ensino da História local como indicador da construção de identidade, faz-se necessário considerá-la dentro e com base em marcos de referência relacionais. (CHAVES; STAMATTO; 2015, p. 144).

Sem a reflexão pode ser que a história local traga certas problemáticas, como possíveis anacronismo, perspectiva etnocêntrica, reducionista e localista. Porém, ao trabalhar a história local o professor deve estar atento ao fato que a mesma não é a explicação para tudo, que está situada dentro de um contexto mais complexo de acontecimentos, por isso é interessante fazer essa ponte entre o local, o nacional e o globalizante.

No caso foi o que buscamos fazer na nossa intervenção, utilizamos da história local no nome do seu fundador Joaquim Vieira da Silva, pesquisando através de oralidade, fontes iconográficas e um cordel que relata a vida desse homem, que segundo as pessoas idosas da localidade, lutou na Guerra do Paraguai e quando voltou para sua terra natal comprou certa área de terra e ali fundou o que hoje se conhece como distrito de Cacimbas.

Todavia, não poderíamos chegar em sala de aula e falarmos somente da figura ilustre desse homem, agindo assim estaríamos cometendo um erro grave de anacronismo. Deste modo, para situarmos o contexto histórico da História Local, explicamos sobre o Período Imperial brasileiro, seus imperadores, como era o contexto político e social, explicamos também os porquês de ter acontecido a guerra, suas batalhas, sempre tentando articular com essa História Local. Por fim abordamos de fato sobre a História Local, falando como teria se dado a construção do distrito, explicando alguns marcos históricos para a localidade, como a construção do açude, que hoje é utilizado pelos alunos como forma de lazer. Sendo assim, buscamos explicar um assunto a nível de História Nacional, a partir de um viés de história local.

Dessa maneira a utilização de um aspecto da história local para o desenvolvimento de aula, contribui na medida em que podemos colocar o aluno próximo da história nacional e global, mostrarmos que a história não é somente aquilo que se encontra distante e inerte, esta história é construída por todos “A reconstrução da história de um lugar ou de uma localidade implica partir do princípio de que a história está presente em todos os lugares, em todos os

momentos” (SANTOS; 2002, p.110). Contribui também para uma construção identitária e para a valorização da própria localidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma aula articulada e planejada com a utilização de história local, pode tornar o ensino e aprendizagem dinâmicos, na medida que se utiliza de fatos das realidades dos alunos, correlacionando com outros momentos históricos e colaborando para o desenvolvimento perceptivo e crítico dos alunos. Sobre os resultados que podemos obter com essa utilização, José Olivenor e Maria Inês, enfatizam que “Por outro lado, como estratégia pedagógica, a História local pode promover a construção e compreensão do conhecimento histórico em articulação com os interesses do aluno, possibilitando o desenvolvimento de atividades vinculadas à vida cotidiana” (CHAVES; STAMATTO; 2015, p. 144).

Durante a intervenção se pode perceber que esta forma de trabalhar o ensino histórico ajuda para que possamos ter a atenção dos alunos, pois como sabemos, a dispersão dos alunos é algo corriqueiro. Auxilia também para valorização da população mais idosa, como utilizamos de relatos orais dos mesmos para podermos construir a aula, enfatizamos que na maioria das vezes não damos o real valor aos idosos, esquecendo que estes são detentores de diversos saberes e práticas, que podem ser perpassados conforme nós voltamos para estes sujeitos.

Os historiadores Marcos Antônio e Selva Guimarães fazem uma abordagem sobre o ensino de história e colocam que os alunos não aceitam mais serem sujeitos apenas receptores de conhecimento “Essa foi uma conquista importante porque reafirmou, entre nós, a concepção de que ensinar História não é apenas repetir, reproduzir conhecimentos eruditos produzidos noutros espaços: existe também uma produção escolar”(SILVA; FONSECA; 2010, p. 14). Assim, podemos colocar que os alunos não aceitam mais serem sujeitos apenas passivos, mas sim ativos. Desta forma a história local contribui ainda mais para essa percepção de sujeitos ativos, principalmente por utilizar de aspectos da realidade para estudos históricos.

Com os estudos e aplicação da intervenção em sala de aula podemos perceber que os alunos foram bastante receptíveis na questão de perceberem que a localidade deles está diretamente ligada com acontecimentos a nível nacional “[...] favorecerá ao aluno o despertar de uma consciência preservacionista, de modo a fazê-lo sentir-se, cada vez mais, responsável por qualquer patrimônio histórico, especialmente aqueles que dizem respeito ao bairro e à

cidade onde moram” (CHAVES; STAMATTO; 2015, p. 149). Podemos perceber também que os alunos ficaram instigados a pesquisarem mais sobre as histórias de seu distrito, inclusive foi um fato que frisamos, para os mesmos, buscarem conversar com as pessoas mais idosas e descobrissem curiosidades que pudessem compartilhar com os colegas posteriormente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo durante a experiência de intervenção, podemos perceber como o ensino de história e a história local, podem constituir o método didático de ensino-aprendizagem. Dessa maneira vale ressaltar que os professores podem utilizar desse método como forma de aproximar os alunos do ensino e também por estabelecer uma certa conexão entre a localidade de vivências desses alunos e a história da mesma.

Podemos concluir também que a história local vem tomando grande proporção nas pesquisas acadêmicas, o que contribui para a realização destas aulas com auxílio de história local, pois um ponto importante é que tenhamos essa percepção de buscar tornar os estudos acadêmicos compreensíveis para os diversos níveis da sociedade. Como já abordamos durante o texto, o ensino de história local contribui para diversos fatores como valorização da cultura local, do patrimônio e contribui para a construção de identidade do indivíduo.

É necessário, portanto, que tenhamos essa compreensão da importância de fazer o diálogo entre o ensino de história e história local, mesmo tendo suas problemáticas e seus cuidados, como ocorre em todas as áreas, fazendo-se importante na medida que contribui de forma significativa no desenvolvimento do ensino.

## REFERÊNCIAS

CHAVES, José Olivenor Souza; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. História Local e o Ensino de História. In: *Ensino & linguagens da história* / Antonio Germano Magalhães Junior e Fátima Maria Leitão Araújo (Organizadores). – Fortaleza: EdUECE, 2015.

JÚNIOR, Manoel Caetano do Nascimento; GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *História local e o Ensino de História: das reflexões conceituais às práticas pedagógicas*. VII Encontro Estadual de História. ANPUH-BA, Feira de Santana, 2016.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da Pesquisa Social. In: *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*/ Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto,

Romeu Gomes, Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 21. ed – Petropolis, RJ: Vozes, 2002.

SANTOS, J. J. M. dos.: História do lugar: um método de ensino e pesquisa para as escolas de nível médio e fundamental. *História, Ciências, Saúde*. – Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9(1):105-24, jan.-abr. 2002.

MEDEIROS, Elizabeth Weber. Ensino de História: fontes e linguagens para uma prática renovada. *VIDYA*, v. 25, n. 2, p. 59-71, jul/dez, 2005 - Santa Maria, 2007.

BARROS, José Costa D'Assunção. Jacques Le Goff – considerações sobre a contribuição para a teoria da história. *Cadernos de História*. Belo Horizonte, v.14, n.21, 2ºsem. 2013.

SILVA, Marcos Antônio da. FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 31, nº 60, p. 13-33 – 2010.